

Inflação dá de goleada no bolso do povo

Convite descarado ao saque do Brasil

Jornalista dá as dicas para multinacionais. Pág. 8

EDITORIAL

Figueiredo recrudescer

O general Figueiredo quis dar lições de democracia no colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Mas na prática seu governo trata de esmagar qualquer alternativa de mudança democrática no país. Desatinado com a aproximação das eleições, abandona a própria política da "abertura", com que tentou amolecer e até conquistar setores vacilantes da oposição.

No curto espaço de uma semana o governo Figueiredo demonstrou que, ao contrário das suas lições, o seu compromisso é com a reação e o arbítrio. Impôs o pacote eleitoral, usando a truculência até nas obedientes fileiras do PDS; forçou a aprovação do pacote da Previdência, recorrendo ao expediente do decurso de prazo; reforçou, por decreto, o caráter obscurantista do Conselho de Censura; condenou os padres e posseiros do Araguaia a penas de 7 a 15 anos, num julgamento realizado sob cerco militar. E ainda acelera as manobras para expulsar Javier do país, contra a vontade quase unânime dos brasileiros.

Figueiredo tem dois objetivos. Quer institucionalizar o regime com o monopólio do poder nas mãos dos generais. E pretende levar o descrédito às forças oposicionistas, intimidando-as com a Lei de Segurança Nacional. Procura eternizar a Constituição atual, de caráter fascista, e reforça a posição governista no colégio eleitoral para garantir a nomeação do novo presidente em 1984 de acordo com a sua vontade.

Estes fatos deveriam alertar os que depositaram esperanças nas promessas liberalizantes dos donos do poder. A evolução da crise econômica, o crescimento das forças oposicionistas, as contradições políticas dentro do próprio esquema governista revelaram o fracasso completo da tática da "abertura", emperrada há muito tempo e substituída agora pela política da imposição e da força bruta.

A democracia não pode depender da boa vontade dos poderosos. A única solução para este problema essencial depende fundamentalmente da união e luta do povo brasileiro. As próprias arbitrariedades fornecem os argumentos mais convincentes para esclarecer e chamar para a frente de luta democrática as mais amplas camadas sociais. As próprias violências praticadas mostram a necessidade de união para defender a liberdade. Nesta situação é urgente discutir com todas as correntes oposicionistas, sem nenhuma estreiteza, uma política unitária e as formas de luta para se alcançar o objetivo comum de por fim ao monopólio do poder pelos generais.

A declaração de D. Evaristo Arns, de que "o governo também será julgado" e as críticas de um coronel da aeronáutica de que "neste governo só mandam os generais" revelam muito bem o clima político que vai se criando no país. E mesmo as confissões de vários deputados do PDS, de que votaram no pacote eleitoral, contra a sua vontade, indicam a fragilidade do partido de sustentação do governo.

Entram aí as eleições de novembro, que são a principal batalha política imediata contra a maré das arbitrariedades. Após o fim da Copa, usada como biombo, a campanha eleitoral tenderá a ganhar impulso, esclarecer milhões de eleitores e preparar uma condenação pública de massas ao governo da fome, da repressão e do entreguismo. Uma vitória maciça da oposição pode impulsionar o movimento de massas e mudar a correlação de forças no país em busca da liberdade. A solução democrática exige o fim do regime militar, a constituição de um governo provisório, representativo das forças democráticas e da unidade popular. Esta é a tônica central que pode fortalecer a campanha oposicionista.

A inflação deu um pulo de 7% em junho. Em seis meses o custo de vida subiu 50%. O coitado do salário foi reajustado em apenas 40%. Delfim diz que já nem liga para isto. Até os grandes empresários acham que a situação está fora do controle. O preço dos automóveis aumenta 20% além da inflação e o governo vai culpar os barbeiros. Pág. 3.



Criança morta em Sidon, vítima das bombas israelenses

A causa palestina sobrevive à matança

Agressão custou caro aos sionistas. Pág. 8

PMDB ganha as ruas em Minas e em Goiás

Dezenas de milhares nas convenções e passeatas. Pág. 3

Preparada lei que dificulta estudo para trabalhadores

Foi entregue ao general-ministro da Educação. Trabalhadores e estudantes protestam. Pág. 5

Regime dá último retoque para expulsar o brasileiro Javier

A TO entrevistou os pais e a noiva do presidente da UNE. Pág. 5



1932: a falsa revolução dos latifundiários de São Paulo

Artigo de Clóvis Moura no cinquentenário do Movimento de 1932. Pág. 7



Combatentes de 1932

Estão prontas as regras para fraudar a eleição

Veja as trapaças do governo na página 3



Indústria da morte terá mais benefícios

Indústria de guerra já nem paga mais imposto!

O decreto de Figueiredo está na página 3

Contrabando do PDS no pacote das eleições

Aproveitando-se do arbítrio do regime a que serve e do processo truculento com que foi aprovado o "pacote eleitoral" do general Figueiredo pelo Congresso, no dia 25 de junho, o deputado do PDS, Marcelo Linhares, incluiu no referido "pacote" uma subemenda determinando: "As serventias de cartórios são oficializadas, mas se ressalvam as situações dos atuais titulares e os que forem até 1983". Com isso, o deputado pedessista beneficiou um irmão seu, titular de cartório no Rio, familiares de outros políticos governistas e ainda os titulares de cartório, que costumam indicar filhos, genros ou outros parentes para substituí-los, sem a necessidade de concurso público. Agora, após o contrabando incluído do "pacote" arbitrário, ficaram prejudicados uns 200 mil cartórios brasileiros...

Maluf nomeou estelionatário diretor de TV

Nomeado pelo ex-governador de São Paulo, Salim Maluf, para a diretoria da unidade regional da TV Cultura em Bauri (interior do Estado), Pierre Dziedzycki foi preso no dia 25, pela Polícia Civil. A detenção do parceiro de Maluf deu-se em cumprimento a mandado de prisão expedido em Bragança Paulista, onde Pierre foi condenado a 5 anos e meio de reclusão por estelionato. Depois da prisão, os policiais descobriram que havia contra ele outra condenação, em Franca, também por estelionato. Somente dias depois de efetuada é que a prisão foi divulgada, segundo um policial "porque esse é um preso especial, parente de gente muito importante".

Juiz do Paraná pressionado para dar apoio ao PDS

O deputado Nelson Griedrich denunciou, na Assembleia Legislativa do Paraná, a utilização indevida de funções e de parte da estrutura do Poder Judiciário do Paraná com objetivos de beneficiar a campanha eleitoral do filho do presidente daquela Corte, que é candidato a deputado estadual pelo PDS. A secretaria do gabinete da presidência do Tribunal de Justiça vem marcando e convocando reuniões com juízes, promotores, serventários, muitas vezes sem a revelação exata dos propósitos, e que se transformam em oportunidade para apresentação do referido candidato e convite para ajudá-lo nas eleições, disse o deputado do PMDB.

O presidente do TJ solicita a juízes, promotores, serventários da Justiça a contribuição eleitoral, muitas vezes referindo-se claramente a 200 votos por Comarca, para consolidar a candidatura do filho.

Gaúchos lançam candidaturas populares

Com a presença do candidato ao governo do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, foi inaugurado o comitê eleitoral dos candidatos populares José Fogaça à Câmara Federal, Fredo Ebling à Assembleia Legislativa e Jussara Cony à Câmara de Vereadores de Porto Alegre.

O ato contou com a presença de várias entidades estudantis e populares. Pedro Simon destacou que o PMDB é um partido para hoje, para acabar com o arbítrio instalado em 1964. Defendeu a mais ampla liberdade política para todas as correntes de opinião. Fogaça afirmou que "as eleições de novembro vão permitir dar um basta à situação de obscurantismo". Já o ex-diretor da União Nacional dos Estudantes (UNE), Fredo Ebling salientou a importância das eleições na luta contra o regime de fome e repressão e defendeu a convocação da Assembleia Nacional Constituinte.

Ao final do ato, Fredo prestou homenagem ao atual presidente da UNE e aos padres e posseiros "vítimas do arbítrio do regime militar". A farmacêutica Jussara Cony disse que sua candidatura vinha no sentido de demonstrar a necessidade da mulher participar da luta pelos seus interesses. (da sucursal)

Inflação dá um salto no 1.º semestre

A inflação em junho deu um pulo de 7%. Nos primeiros seis meses a carestia aumentou 50%. O esquema do governo para controlar a inflação foi derrotado. A recessão desencadeada em 1981 gerou milhões de desempregados, mas mexeu pouco na inflação. Agora ela começa a disparar de novo!

Nessa situação os grandes monopólios estão tendo lucros fabulosos. Estão aumentando seus preços muito acima da inflação. A indústria automobilística é um exemplo. Nos primeiros seis meses do ano o preço do Volkswagen 1300 subiu 70%, o mesmo aconteceu com o Corcel II e com a maioria dos veículos. Enquanto isso o reajuste salarial no 1.º semestre ficou na média de 40%. A perda de poder aquisitivo foi enorme, em torno de 10%. Além do desemprego que está achatando os salários, os trabalhadores são arrojados pelo salto da inflação. O pior é que os alimentos têm subido mais de 2% por mês acima da inflação geral. O pão é um exemplo: nos últimos dez meses aumentou 200%.

PERDA DO CONTROLE

A maioria dos economistas e empresários já prevê uma inflação maior do que 100% para 1982. Os tecnocratas do governo procuram disfarçar. Delfim Netto diz que se ele fosse se preocupar com a inflação de cada mês, ficaria louco. Galvães, ministro da Fazenda, diz que o aumento de junho é um "acidente" e culpa o petróleo e o trigo, mas também culpa o Finsocial. O próprio governo admite que o imposto criado em junho, para engordar o BNDE, Banco Nacional de Desenvolvimento, está causando aumento da inflação.

Os tecnocratas tem aumentado violentamente os impostos, taxas e contribuições. Só nos primeiros cinco meses do ano, mesmo com a economia parada, os impostos cresceram 11% acima da inflação. O imposto sobre energia elétrica bateu um verdadeiro recorde, crescendo 27% acima da inflação.

A máquina governamental é uma verdadeira fornalha queimando dinheiro do povo e querendo cada vez mais. Os impostos que recaem sobre

os trabalhadores são aumentados e ao mesmo tempo diminuem os impostos para os grandes grupos, principalmente para os exportadores. Com isso o governo acaba gastando mais do que tem, e cobre a diferença fabricando a moeda. É uma máquina inflacionária. Só no primeiro trimestre este rombo — chamado de déficit público — passa de 130 bilhões de cruzeiros! Não há moeda que agente.

De todas as causas que empurram a inflação, uma das mais poderosas é o descalabro das taxas de juros. Um exemplo foi dado pelo próprio Júlio Cesar Martins, secretário de abastecimento, que justificou o abusivo aumento das tarifas de energia elétrica. Segundo ele, esses preços teriam um aumento de 5% acima da inflação em 1982, devido a exigências do Banco Mundial. A Eletrobrás — e todo o setor público — está endividada até o pescoço. Sua dívida externa passa de 10 bilhões de dólares e as taxas de juros internacionais estão altíssimas — mais de 16%. Grande parte do déficit público é para pagar as dívidas das estatais.

CAEM AS EXPORTAÇÕES

Alguns grupos apontam o crédito rural como grande culpado pela inflação, mas esse dinheiro é em sua maioria empregado nas culturas de exportação e, como vimos na última edição da T.O., vai parar nas mãos dos grandes monopolistas da terra.

O quadro econômico está se agravando para os trabalhadores. O governo retira grandes quantidades de recursos do Tesouro para entregar de mão beijada para os exportadores, mas isto não resolve. Nos primeiros 5 meses do ano as exportações tiveram uma queda de 7% e no segundo semestre o governo já promete mais incentivos à exportação. Ou seja, mais déficit público e mais inflação.

Outro agravante é a corrupção, que apodrece cada vez mais o regime e tende a aumentar neste ano eleitoral. O PDS é mais um fator de inflação. O empreguismo — que ficou tão flagrante no escândalo Jair Soares — se repete em cada prefeitura e em cada repartição, sendo mais um rombo sangrando as contas do país. A inflação que já é insuportável para os trabalhadores, poderá dar um salto em 1982. (Luiz Gonzaga)



Cruzada armamentista visa reforçar mais as Forças Armadas divorciadas do povo

Indústria de guerra não paga mais imposto

O general Figueiredo assinou dia 24 um decreto-lei livrando de impostos de importação, o material destinado à indústria de guerra. É o primeiro e amargo fruto de uma cruzada armamentista que toma conta do Brasil desde a guerra das Malvinas. Fontes do governo reconhecem que "o aumento dos gastos militares implicará em aumento dos impostos e, conseqüentemente, da inflação", além de "prejuízos ao controle da balança de pagamentos". Mesmo assim, é por aí que o governo vai.

Depois das Malvinas, o Ministério da Marinha, chefiado pelo belicoso almirante Maximiliano da Fonseca, teve dois bilhões de dólares liberados. A Aeronáutica apressou os testes com o míssil Piranha e vai receber até 1986 mais 80 caças AMX, produzidos em associação com a Itália. O Exército está recondiçãoando sua frota de tanques M-41.

MILITARES COM O PODER

Com o novo decreto-lei, os ministros militares ficam com o comando das isenções fiscais — o que significa maior poder. Cria-se no Brasil uma

espécie de complexo industrial-militar tupiniquim: Forças Armadas, mais empresas da indústria de guerra, mais sócios estrangeiros destas empresas, todos faturando com o dinheiro sugado do povo.

Ao mesmo tempo, a cruzada armamentista agita o estandarte da "profissionalização" das Forças Armadas. A guerra das Malvinas — dizem — mostrou que simples recrutas, fazendo serviço militar, são impotentes diante de tropas profissionais. E reivindicam a criação de novos corpos profissionais como os de paraquedistas e fuzileiros navais, principais responsáveis pelo combate aos guerrilheiros do Araguaia. Na verdade, é um projeto para reforçar ainda mais nas Forças Armadas o espírito de casta afastada e divorciada da sociedade civil.

A cruzada armamentista provoca inquietação ainda maior por haver indícios de que há generais brasileiros dispostos a seguir a "linha Galtieri" em questões militares, já sintetizada na remota antiguidade chinesa, por um general que dizia: "Seu reino vai mal? ataque o vizinho".



Participação massiva e ativa do Bloco Popular na Convenção do PMDB goiano, que reuniu 15 mil pessoas

Presença popular nas Convenções do PMDB

O julgamento público do regime militar já está sendo feito pela grande participação de massas populares nas Convenções do PMDB. No último dia 27, cerca de 20 mil pessoas em Minas Gerais e mais 15 mil em Goiás reafirmaram sua disposição de luta unitária para derrotar o PDS e o governo nas eleições de novembro.

Minas Gerais deixou de ser um dos pontos de apoio do golpe militar de 1964 para tornar-se um dos principais centros de luta contra o monopólio do poder mantido pelos generais. Por isto mesmo a Convenção do PMDB no Estado despertou grande atenção, contando com a presença de Miro Teixeira e Franco Montoro, candidatos a governador no Rio e São Paulo, os maiores centros eleitorais do país. O senador Tancredo Neves indicou candidato a governador — demonstrou esta mudança ao declarar: "Esta é a hora que exige posições claras, firmes e definitivas, porque em 15 de novembro vamos decidir se continuamos neste regime de autocracia ou se ficamos em regime de liberdade".

A vigorosa manifestação oposicionista aprovou uma Carta de Princípios fixando normas para os candidatos: lutar por um regime democrático; por eleições diretas em todos os níveis; por uma Assembleia Constituinte; por justa distribuição da renda nacional; pela reforma agrária.

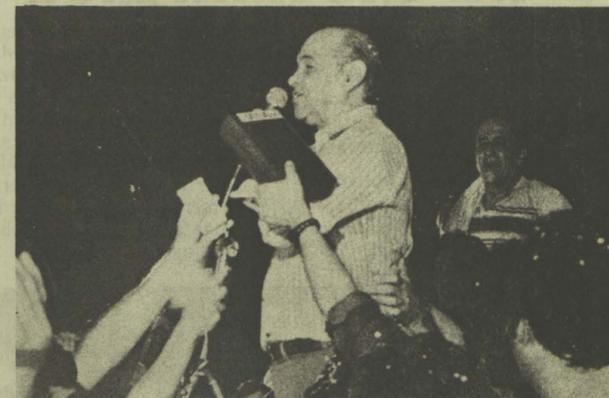
Com a concordância do senador Itamar Franco, candidato nato à reeleição, o plenário decidiu democraticamente conceder uma sublegenda ao senador para o ex-deputado Simão Cunha. Foram aprovadas as candidaturas populares de José Luis Guedes para deputado federal e Agamenon Siqueira para deputado estadual. Depois da Convenção, a mesa dirigente convocou uma passeata que desfilou pela avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte.

Ao inverso desta demonstração de unidade, uma semana

antes a convenção milionária do PDS reuniu menos de três mil pessoas e mostrou o esfacelamento do partido governista. O candidato dissidente Murilo Badaró obteve mais de 40% dos votos e o cacique Magalhães Pinto sofreu uma derrota humilhante ao disputar uma vaga ao senado.

BLOCO POPULAR MARCA CONVENÇÃO DE GOIÁS

Em Goiás a presença mais destacada na Convenção foi a do combativo Bloco Popular, liderado pelo candidato a deputado federal Aldo Arantes, que conseguiu organizar cerca de mil e quinhentas pessoas para participar do evento. Aldo declarou que "a Convenção marca um novo estágio na luta pela vitória do candidato da oposição, Iris Rezende, contra o candidato do PDS, Otávio Lage, homem responsável pela repressão ao povo goiano e pela cassação do



Tancredo: "Vamos decidir se continuamos neste regime de autocracia"

Regras do jogo eleitoral depois do último "pacote"

O "pacote" de emendas constitucionais aprovado há dias encerrou o ciclo de casuismos eleitorais do governo Figueiredo. Ficou pendente apenas a reforma da Lei Falcão, sobre o uso do rádio e da televisão durante a campanha. Já se tem, assim, uma noção das regras do jogo.

É uma regra apenas, e vaga. As pesquisas de opinião pública apontam dados assustadores: a maioria do eleitorado não sabe como vai votar, está perdida no labirinto dos casuismos do governo Figueiredo.

O objetivo imediato da pacotaria governista é impedir a derrota do partido de Figueiredo — o PDS — nas urnas de 15 de novembro. Daí a vinculação total de votos — cada eleitor só pode votar em candidatos de um único partido, desde vereador até governador, impedindo as alianças eleitorais entre as diversas legendas oposicionistas.

Mas as correntes mais fortes da oposição responderam com a incorporação do PP ao PMDB, deixando preto no branco o caráter plebiscitário destas eleições. Em toda parte o que se vê é a polarização entre governo e oposição, entre PDS e PMDB. As exceções são casos localizados e parciais: Sandra Cavalcanti no Rio de Janeiro, Alceu

Collares no Rio Grande do Sul, Lula e Janio Quadros em São Paulo. E no voto plebiscitário o governo Figueiredo está condenado ao fracasso, pois é o mais impopular que o país já viu.

DE OLHO EM 1984

Diante disso, o novo pacote governista tratou também de estabelecer casuismos de tal espécie que garantem a continuidade do regime militar mesmo depois de uma derrota nas urnas dia 15 de novembro, como se prevê.

Agora, mesmo tendo a maioria, a oposição não terá condições legais de mudar a Constituição. Serão necessários dois terços dos congressistas para qualquer modificação. E isto quando até

próprio Iris. O ano de 1982 representará o julgamento dos 18 anos de governos de fome, repressão e entreguismo.

Realizaram-se três manifestações no dia da Convenção, marcando a presença ativa do povo na luta do PMDB de Goiás. Um desfile de cerca de 1.500 carros, uma passeata de mais de mil carroças e por último, os participantes da Convenção fizeram uma das maiores manifestações já vistas em Goiânia. Cerca de dez mil populares saíram às ruas para saudar o candidato a governador, Iris Rezende, e a vice, Onofre Quinam. O Bloco Popular, além de Aldo Arantes, lançou Uldurico Pinto, Lázaro Rezende, Eurico Barbosa e Haroldo Duarte para deputados estaduais.

Alguns provocadores distribuíram tanto em Goiânia como em Anápolis um panfleto apócrifo, tentando semear a discórdia na oposição, em particular envolvendo o senador Henrique Santillo. A propósito, o combativo oposicionista declarou: "Nada poderá destruir a unidade do PMDB, conseguida às custas de muito sacrifício e muito suor de bravos companheiros. A oposição está unida por exigência do povo". (das sucursais)

CARTAS MARCADAS

De outro lado, a composição do Colégio Eleitoral encarregado de escolher o sucessor de Figueiredo foi modificada, segundo um critério que procura garantir na medida do possível a maioria prévia do PDS.

Com todas essas e muitas outras regrinhas casuísticas — feitas para falsificar a vontade da maioria — o governo pensa eternizar seu modelo econômico, social e político, cujos resultados todos conhecem. Mas provoca outras conseqüências, desastrosas para os donos atuais do poder, como a retomada da luta de todos os democratas por uma Assembleia Constituinte livre e soberana, na campanha eleitoral deste ano.

Metalúrgicos baianos contra o peleguismo

A eleição da nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Salvador, Bahia, será um dos grandes momentos da luta contra o peleguismo na recente história do movimento operário brasileiro. Vão se defrontar a Oposição Operária e a máquina corrupta do pelego Manoel dos Santos, imposto pela ditadura na presidência do Sindicato desde 1964.

A primeira intervenção no Sindicato dos Metalúrgicos de Salvador foi em 1946, porque defendeu a criação da central única no Congresso dos Trabalhadores, realizado no Rio de Janeiro. A intervenção debilita o Sindicato a ponto de sua assembléia só juntar 8 metalúrgicos. A situação se modificou depois de muita luta e a eleição de João dos Passos.

VIDA NOVA NO SINDICATO

João era metalúrgico desde os 10 anos de idade, e odiado pelos patrões por sua militância comunista. Sob sua direção, o Sindicato teve vida nova. De pouco mais de 100 trabalhadores sindicalizados na época da intervenção, chega a 1.600 em 1960. Duas grandes greves foram organizadas, uma delas em 1961, pelo aumento do salário mínimo. Foram inúmeras as greves por fábricas, em Salvador. "Era um Sindicato que metia medo nos patrões", lembra orgulhoso João dos Passos.

Com o golpe de 1964, João foi preso. Os militares colocaram na presidência da entidade Manoel dos Santos, até hoje no cargo. O pelego, que na época do golpe era

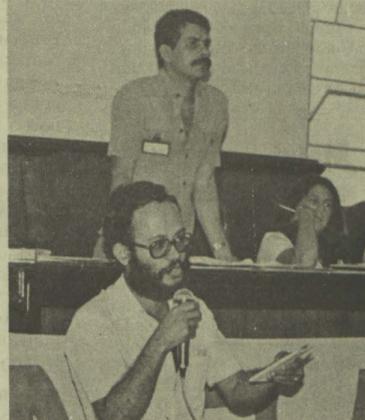


ajudante na Fábrica de Pregos Roma, nunca prestou contas do que faz com o dinheiro do Sindicato. Mas atualmente ele tem uma empresa de contabilidade, e ganhou muito dinheiro nesses anos. Ao mesmo tempo, a categoria perdeu 50% dos seus salários, em relação à inflação. O pelego nunca protestou contra isso. Só conciliou...

EXPULSAR O PELEGO

Agora os metalúrgicos estão se organizando para botar para fora de sua entidade o representante do governo e dos patrões. A categoria tem grande importância na economia baiana. São 23 mil trabalhadores na base territorial do Sindicato.

"A hora final do pelego e traidor da categoria, Manoel dos Santos, está chegando", afirma



João dos Passos, o velho líder fala à categoria. Abaixo, Renildo, da Oposição.

Renildo Souza, da Oposição Metalúrgica. E o líder dos metalúrgicos, João dos Passos, que foi preso, exilado e ficou cego por causa das torturas na prisão diz que apoiará a oposição: "O Sindicato está amordaçado. A sua retomada significa sua liberdade. (Luiz Sérgio Rocha, da sucursal)

Polícia ajuda pelego

Um clima de violência marcou as eleições para o Sindicato dos Têxteis de João Pessoa, na Paraíba, no dia 18 de junho. Com medo de não ser reeleito presidente da entidade, o pelego Benedito Marques Silvestre chamou a polícia para impedir a presença de um fiscal da chapa de oposição. Este foi retirado da urna aos socos e empurrões, tendo sua roupa rasgada e ficando com vários hematomas.

Benê, como é conhecido o traidor, teve a ajuda do representante da Delegacia Regional do Trabalho, que deu cobertura a todas as tentativas de fraudes. Também não é para menos: o representante da DRT é vereador

do PDS e pelego-presidente no Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil. Para se manter a frente da entidade sindical Benê também contou com o apoio do ex-governador da Paraíba, Buriú, que comprou uma fábrica de fios de algodão falida e entregou-lhe para que administrasse.

O desespero de Benê é justificável. Há muita revolta da categoria frente a sua traição, imobilismo e desmandos. Por sua culpa o Sindicato faliu, sendo despejado da sede por falta de pagamento do aluguel e dos encargos sociais. A prática autoritária de Benê também é repudiada. Em setembro ele tentou expulsar um sócio do

Sindicato, o têxtil Evangelista, só porque este o havia criticado numa assembléia. Além disto a atual diretoria da entidade nada faz pela categoria, que só nos últimos meses teve duas mil demissões.

Por insuficiência de quorum no primeiro escrutínio, nova votação foi marcada para o dia três de junho. A chapa de oposição, que foi formada a partir da indicação de várias fábricas, agora faz um trabalho de denúncia contra as arbitrariedades, condenando a interferência policial. E pede à categoria o voto contra Benê, um cabo eleitoral do PDS no Sindicato. (da sucursal)



José Rodrigues, líder do Movimento Trabalhista, ao microfone. Ao seu lado direito, Antonio Mariz

Trabalhadores da Paraíba contra o PDS

Com a participação de cerca de 200 delegados de 14 municípios da Paraíba, realizou-se nos dias 26 e 27 de junho a 1ª Assembléia Estadual do Movimento Trabalhista do PMDB. Nela os trabalhadores condenaram a maneira demagógica e corrupta com o partido do governo, o PDS, vem fazendo sua campanha eleitoral, utilizando-se inclusive das frentes de emergência. Decidiram votar contra o governo em 15 de novembro.

A assembléia foi aberta pelo presidente do Movimento Trabalhista de João Pessoa, José Rodrigues, na presença do candidato ao governo do Estado, Antonio Mariz, e do senador Humberto Lucena. Na oportunidade José Rodrigues afirmou que "o Movimento Trabalhista vai se transformar no carro-chefe da

vitória do PMDB em virtude da sua penetração junto a classe trabalhadora na Paraíba". Antonio Mariz destacou que o PMDB é uma frente cujo objetivo principal é derrotar o governo nas eleições e acabar com os descalabros do governo, tipo pacote da previdência social.

CONTRA O PDS

Quando às eleições de novembro, os trabalhadores presentes na Assembléia aprovaram um relatório que diz: "Nunca foi tão grande no Brasil o número de desempregados, tão alta a carestia, tão grande a fome e nunca se teve tantos camponeses expulsos de suas terras. Se nós, trabalhadores, somos contra tudo isto, então todos nós temos de votar contra o governo, pois ele é o culpado por esta situação. E votar contra o

governo é votar nos candidatos do PMDB, pois este é o partido de frente que aglutina todas as correntes de opinião que são contra este sistema que aí está".

O Movimento Trabalhista também decidiu exigir dos candidatos da oposição e, principalmente do candidato a governador, o cumprimento dos seguintes compromissos: não conciliar com o regime atual que tanto sofrimento tem causado ao povo e que continue na oposição depois de eleito; não reprimir as justas manifestações populares; consultar o povo, através de suas entidades, sobre seus programas de governo; constituir o governo com pessoas democráticas e comprometidas com o povo; defender a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte Livre e Soberana. (da sucursal)



No Enclat do Ceará foi reafirmado o II Conclat para agosto próximo

Ação cupulista causa dano ao Enclat do Rio

Os Encontros Estaduais de Trabalhadores continuam sendo realizados por todo o país. Na grande maioria, tem sido reafirmada a realização do II Conclat em agosto e reforçadas as inter-sindicais. Mas, no Rio de Janeiro a aliança cupulista de sindicalistas do PT, pelegos e reformistas prejudicou a própria realização do Encontro.

De 25 a 27 de junho realizou-se o II Encontro das Classes Trabalhadoras (II Enclat) do Rio de Janeiro. Somente cerca de 350 sindicalistas participaram, contra 600 no Enclat do ano passado. Predominaram os sindicatos do setor de serviços e de profissionais liberais, com a presença operária muito reduzida.

Desde o início de sua preparação, o Enclat-RJ foi marcado pela aliança aberta e desavergonhada dos dirigentes sindicais ligados ao PT e com os pelegos e reformistas. Eles tudo fizeram para impôr um processo cupulista que impedisse as bases sindicais de se posicionarem a favor da realização do Conclat neste ano. Na abertura do Enclat, os delegados foram surpreendidos

por um "pacotão" de normas extremamente reduzidas para o funcionamento do Encontro.

Tentou-se evitar que o Enclat tivesse tônica de combate ao regime militar. Faixas de sindicatos e de jornais de oposição foram proibidas. E as seis comissões formadas foram dispersas em pontos diferentes da cidade, discutindo todos os pontos de pauta, sem aprofundar nenhum deles.

Mas as manobras dos organizadores enfrentaram a firme oposição dos sindicalistas presentes. Em três comissões foi aprovada a realização do Conclat em agosto, uma não se posicionou, outra empatou e a última não chegou a discutir o assunto. Na plenária final, se aproveitaram de uma briga irresponsável que aconteceu no auditório para aprovar a proposta de adiamento do Conclat para 1983, por 179 a 161 votos.

Os sindicalistas combativos forçaram a aprovação de duas campanhas nacionais, uma contra o desemprego e outra de sindicalização em massa. Contra a posição dos reformistas, o Enclat se posicionou a favor do voto contra o regime militar nas eleições de

novembro. O Encontro criou, ainda, a Coordenação Inter-sindical do Rio de Janeiro.

PELO CONCLAT EM AGOSTO

Já no Ceará, o Enclat, realizado nos dias 19 e 20, reafirmou a decisão soberana dos 5.036 participantes da 1ª Conclat de realizar em agosto próximo o II Conclat, e se posicionou contra a limitação nos critérios de participação no Conclat, feita pela Comissão Pró-CUT. Foi confirmada a Frente Sindical dos Trabalhadores Urbanos e Rurais do Ceará como articulação intersindical a nível estadual. Sobre a Central Única, os trabalhadores cearenses decidiram: "Queremos uma CUT de luta e de unidade, com a participação massiva dos trabalhadores, sejam de base, sejam lideranças sindicais."

No Espírito Santo, onde o Enclat também foi realizado nos dias 19 e 20, o Conclat foi igualmente reafirmado para agosto. No Encontro foi criticado o papel estreito, sectário e imobilista que vem desempenhando a Frente Sindical que acabou sendo reorganizada. (das sucursais)

Demissão causa revolta na metalúrgica Mafersa

No último dia 25, os metalúrgicos da Mafersa, na zona oeste de São Paulo, ficaram surpresos ao saberem da demissão do engenheiro Luis Antonio Paulino, destacada liderança sindical. No dia 28, houve assembléia na fábrica com 300 operários e há disposição de greve pela readmissão.

O engenheiro Luis é muito querido pelos operários da Mafersa. Sempre defendeu a organização dos trabalhadores na empresa e sua atuação no Sindicato. Com sua ajuda criou-se recentemente a Comissão de Fábrica da Mafersa. E o que mais revoltou os operários é que a empresa tinha concordado, sob pressão, em dar estabilidade por seis meses.

Na assembléia na porta da fábrica, Antonio Duarte, da Comissão, destacou: "Ficou claro que quando os trabalhadores tentam se organizar, vem a repressão dos patrões. A demissão do Luis tem o objetivo de reduzir nossa luta. Outras demissões virão se não dermos uma resposta que os patrões merecem. O companheiro Luis tem que ser readmitido". José Vamberto, cipeiro da empresa, também usou da palavra: "Os companheiros devem continuar firmes na luta. Vamos continuar exigindo a estabilidade no emprego e a readmissão do Luis".

Representando o Sindicato dos Metalúrgicos, José Hilário teve que se comprometer com a luta: "Se os companheiros estiverem dispostos a paralisar, o sindicato estará lado a lado com os companheiros, dando apoio". Ficou decidido que os membros da Comissão da Fábrica e dos três sindicatos no setor — desenhistas, engenheiros e metalúrgicos — tentarão negociar a readmissão de Luis. Caso não haja acordo, há disposição de se paralisar as atividades. (Joel Batista, correspondente operário)



Os metalúrgicos em assembléia na porta da Mafersa

Mercedes reduz salários em Campinas

Aproveitando-se da direção pelega do Sindicato dos Metalúrgicos local e da falta de organização dos operários na empresa, a Mercedes-Benz de Campinas impôs aos seus trabalhadores a redução da jornada de trabalho com redução de 10% nos salários.

(da sucursal)

Cid Ferreira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, representa na verdade os interesses dos patrões, e tudo faz para imobilizar e dificultar as lutas dos operários. Atualmente, inclusive, é candidato a prefeito de Campinas pelo PDS, o partido do governo. Mas dentro do Sindicato, um diretor vem se

destacando na defesa dos trabalhadores — Valdir Lucas Pereira, que conta para a Tribuna a situação na Mercedes.

CLIMA DE INSATISFAÇÃO

"Primeiro a empresa espalhou o boato de que dispensaria 1 mil operários, por causa da mão-de-obra ociosa. Isso deixou uma grande insatisfação. A Mercedes queria que os operários formulassem a proposta de redução da jornada de trabalho com diminuição do salário. Mas eles propuseram a redução da jornada sem redução salarial, e a empresa recusou".

A Mercedes pretendia pagar quase Cr\$ 20 mil a menos para cada

trabalhador por mês. "A proposta foi recusada pelos trabalhadores numa assembléia com quase 100% de participação. A empresa ficou de se reunir com a direção do Sindicato para buscar um acordo, mas no dia 29 distribuiu um panfleto propondo a redução da jornada de trabalho e dos salários em 10%".

Sem permitir uma discussão maior pelos trabalhadores, a Mercedes fez aprovar sua proposta. Contou, na sua manobra, com o imobilismo do pelego Cid e com a falta de organização dos trabalhadores na fábrica.

É essa, na verdade, a tarefa dos operários agora: se organizar na fábrica e fortalecerem o Sindicato, para expulsar o agente dos patrões e do PDS, o pelego Cid Ferreira.



Eulária teve a perna esmagada e não recebeu indenização

Prefeitura de Belo Horizonte não indeniza vítima de acidente

Na manhã do dia 3 de março de 1980, a lavadeira Luzia Eulária de Sousa foi atingida por uma imensa pedra que rolou morro abaixo, quando foi buscar água. Um trator da Companhia de Desenvolvimento Urbano, órgão ligado à prefeitura de Belo Horizonte, ao movimentar uma pedra provocou o seu deslizamento. "Estávamos eu e uma turma de quatro a cinco mulheres; umas estavam lavando roupa e eu estava pegando água, quando a pedra rolou em cima de mim", afirma Eulária.

A pedra esmagou uma perna de Luzia e quebrou sua

bacia. Com o acidente ela teve que ficar mais de seis meses no hospital. Eulária fez três enxertos na perna, sendo que dois deles "apodreceram" e "o último é que deu certo". Hoje, com 39 anos de idade, Luzia Eulária cuida dos seus três filhos e está passando necessidades. A ajuda que tem é da família materna, que também é muito pobre. A lavadeira conta também com a solidariedade de outros favelados. Da prefeitura não recebeu nenhuma assistência, a não ser "um cobertor dado pelo Coronel Valfrido".

(Maria do Rosário Amaral — da sucursal)

Chefe de polícia agride estudantes no Mato Grosso

A diretoria da Associação Matogrossense de Estudantes (AME) foi agredida violentamente na cidade de São José do Rio Claro, pelo chefe de polícia da cidade. A diretoria da AME estava reunida com outros estudantes numa praça da cidade, conversando e tocando violão, quando o policial chegou com seu jipe, passando por cima dos cantos e dando bordoadas para todos os lados. Não contente, sacou do revólver e atirou no braço de um dos estudantes.

Tais arbitrariedades contra os estudantes da AME tiveram início quando estudantes de São José do Rio Claro foram a Cuiabá participar do 1º Encontro Estudantil de Mato Grosso, promovido pela AME. Ao retornar a sua

cidade, um dos estudantes mostrou ao prefeito da cidade um jornal com a notícia da participação dos estudantes na AME. O prefeito olhou o jornal, notou a foto de um opositor político seu, e imediatamente disse: "Você é amigo deste bandido?". Antes que o estudante respondesse, o prefeito meteu a mão no rosto do jovem, sacou um revólver do carro e só não atirou devido a interferência de outras pessoas.

Alguns dias depois, a diretoria foi agredida pelo chefe de polícia, amigo do prefeito. Na mesma época a presidente da AME, Maria Sinforosa, recebeu um telefonema com ameaças do delegado de São José do Rio Claro.

(da sucursal)

Estudantes presos em S. Paulo por denunciarem autoritarismo

Apenas por distribuir xerox de uma matéria publicada no jornal *Folha de São Paulo*, onde o professor Leonardo Trevisan denunciava o autoritarismo nas escolas, seis estudantes foram presos em frente a Escola de 1º e 2º Grau Vital Fogaça de Almeida, em São Paulo. A direção da escola chamou a polícia logo que tomou conhecimento de que cerca de dez estudantes estavam distribuindo os folhetos.

Dentro de cinco minutos chegavam quatro rádio-patrulhas e prendiam seis alunos, sendo dois menores de 18 anos. Quando os estudantes chegaram na 10ª Delegacia de Polícia vários alunos

já estavam lá em solidariedade aos presos. Foram soltos por volta das 23 horas.

César Neves de Oliveira e João Cláudio de Sena, dois dos secundaristas presos, dão sua opinião: "A gente conhece aquela escola por suas lutas. Os alunos já entraram em greve uma vez porque dois soldados bêbados agrediram um aluno dentro da escola. Com a greve conseguiram o fim do policiamento dentro da escola". João Cláudio acrescenta que "a nossa principal reivindicação ali é a liberdade de organização dentro da escola, para que os alunos possam discutir seus problemas e se organizarem".



As mulheres de Minas Novas se organizam para a luta

Trabalhadores de Minas Novas fundam a União das Mulheres

Foi fundada em Minas Novas, Minas Gerais, no dia 20 de junho, a União de Mulheres Trabalhadoras de Minas Novas. A entidade é composta por donas de casa, estudantes, trabalhadoras rurais e professoras, mulheres simples como a maioria do povo do sertão mineiro.

O primeiro trabalho que desenvolvem como entidade é o cultivo de uma horta

comunitária. Esta iniciativa está sob a coordenação da professora primária Ana Rocha que também foi eleita por unanimidade presidente da União das Mulheres Trabalhadoras. Ana Rocha está satisfeita com o trabalho e afirma: "Começamos com doze; uma chamou a outra e hoje somos 43 associadas".

(da sucursal)

Pró-família não quer que pobres tenham filhos

O prefeito de São Paulo criou recentemente o Programa Pró-Família, que visa induzir as famílias pobres a não terem filhos. O governo se preocupa em acabar com os pobres ao invés de acabar com a pobreza.

O Pró-Família foi criado pelo Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo e na semana passada foi encampado pela prefeitura. Ao ser empossado, o novo secretário da Família e do Bem Estar Social, tenente-coronel José de Ávila Rocha, afirmou que "o programa visa à democratização da informação sobre os problemas fisiológicos de procriação". Mas no vistoso boletim lançado com o nome "Pró-Família" e assinado por Sílvia Lutfalla Maluf, são sonegadas informações sobre os males causados por diversos tipos de anticoncepcionais.

"Cada família deve ter o direito de escolher o número de filhos que desejar", afirmam os folhetos distribuídos amplamente. Mas o que acontece com programas do tipo Pró-Família e Benfam é bem diferente. As mulheres são induzidas a usarem anticoncepcionais e não são informadas dos riscos que lhes podem causar à saúde, como câncer, atrofia dos ovários e

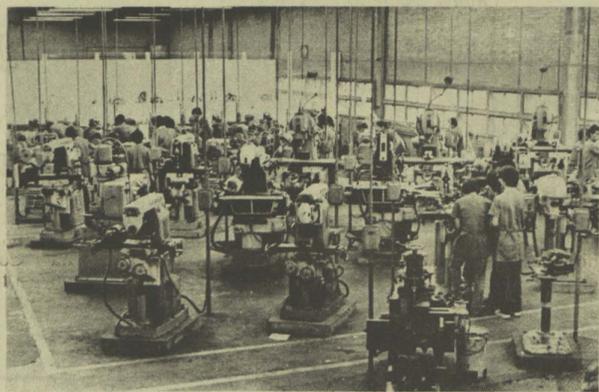
problemas de circulação do sangue.

PROTESTO GERAL

Diversas entidades e movimentos de mulheres já fizeram sérias críticas ao programa Pró-Família, que está sendo implantado sem uma ampla consulta à sociedade e às mulheres em particular. Cerca de cinco mil mulheres já estariam sendo atendidas pelo Pró-Família no município, segundo denúncias de Pedro Malheiros, da Associação dos Assistentes Sociais do Estado de São Paulo.

O Sindicato dos Médicos de São Paulo já soltou um caderno explicando o caráter do Pró-Família. Segundo o Sindicato "Pró-Família, além de ser controlista, tem um caráter demagógico, abordando os problemas sociais de maneira superficial e irresponsável".

A médica Júlia Roland, diretora do Sindicato dos Médicos de São Paulo e da União de Mulheres, denuncia que "o controle da natalidade no país já existe há muito tempo. E as autoridades tentam fazer crer que o número alto de filhos é o responsável pela miséria. As condições de vida do povo a cada dia pioram, e sem resolver o problema da fome e da miséria, o planejamento familiar passa a ser uma imposição e não um direito de livre escolha".



Com a reformulação da lei 5.692 vai acabar o ensino profissionalizante

Estudo ainda mais difícil para operários

Dia 29 de junho, o ministro da Educação, general Rubem Ludwig, entregou ao general Figueiredo o anteprojeto de reforma da lei 5.692 sobre o ensino profissionalizante. Com esta reformulação o ensino profissional será opcional nas escolas, prejudicando o trabalhador.

Com a modificação da Lei 5.692 o trabalhador, que já não tinha muita opção para estudar, se quiser ter uma profissão terá que buscá-la numa escola particular. A lei 5.692 foi aprovada em 1971 e instituiu o ensino profissional obrigatório nos estabelecimentos de ensino do 2º grau, embora nem sempre as escolas ofereçam estes cursos aos alunos.

Nas escolas públicas o orçamento vem diminuindo ano a ano, dificultando a prática do ensino profissionalizante. Com a modificação da lei, sairão ganhando principalmente as escolas privadas, o que está de acordo com a política do Ministério da Educação e Cultura de sempre favorecer o ensino privado.

SUBEMPREGO VAI CONTINUAR

O estudante de baixa renda, que não pode cursar uma faculdade e nem um curso profissionalizante particular, vai continuar no subemprego. "As escolas sem especialização profissional só dão o diploma", afirma Robson Jacob, 17 anos, estudante do 2º ano de eletrônica do Colégio Jorge Street. E acrescenta: "Pra entrar nesta escola,

tive que fazer um cursinho pago para passar na seleção. Se eu fizesse o colegial comum teria que fazer outro curso".

O que acontece é que as escolas públicas não têm condições de atender às necessidades de seus alunos. Sem laboratórios e com professores sem especialização, ganhando salários baixos, fica difícil ministrar um ensino profissionalizante que atenda à expectativa do trabalho. "Até agora eu me pergunto para que serviu o curso colegial", diz o operário Ricardo da Silva Ribeiro, casado e pai de dois filhos. Ricardo fez o curso de ajustador mecânico numa escola particular e hoje "com muita luta consegui me encaixar na profissão".

PROJETO IRRESPONSÁVEL

O estudante do 2º grau Manoel da Silva Souza pretende ingressar numa faculdade, mas afirma, meio chateado, que se o dinheiro não der vai procurar um curso profissionalizante. O pai de Manoel, seu Alberto, é contra o fato do filho estar fazendo o curso colegial: "Se ele estivesse fazendo um curso de contabilidade, eu saberia que ele teria uma profissão. Mas fazendo o colegial, está estudando pra quê?".

O vice-presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, Apolinário Rebelo, diz ser necessário "denunciar o caráter autoritário e irresponsável deste projeto. Derrotá-lo com nossa mobilização nas escolas é um grande passo na conquista de mais liberdade para toda a comunidade escolar". (Vera Lúcia Campana)



Os pais e a irmã de Javier, dispostos a lutar para "evitar a expulsão"

Fase decisiva do processo para expulsar Javier

Uma grande revolta tomou conta da família de Francisco Javier, presidente da UNE, ao saber do resultado do inquérito da Polícia Federal que concluiu por sua expulsão do país. "Nós apelaremos até onde for possível para evitar a expulsão de um brasileiro", afirma afilto seu pai.



Javier e sua namorada, Maria Tereza

Aguarda-se até o final do mês de julho a conclusão do processo de expulsão do dirigente estudantil. Agora o inquérito policial será analisado pelo ministro da Justiça, Abi Ackel, que posteriormente o encaminhará ao general Figueiredo, que é quem tem o poder de expulsar Javier.

"Nunca pensei que a preocupação do meu filho com os problemas sociais e políticos de seu país pudesse um dia levá-lo a uma expulsão", comenta o comerciante Fernando Alfaya, pai do, presidente da UNE. Ele enfatiza: "Javier sempre teve esse pensamento justo, sempre se preocupou com o povo brasileiro, por isso não é um problema para a nação".

Seu Fernando conta que desde que chegou ao Brasil, em outubro de 1963, Javier se entrosou com o povo. "Ele integrou-se perfeitamente com as crianças do bairro dos Mares, em Itapagipe. Não teve dificuldades em logo aprender o português e fez muitos amigos". Sua irmã, a dançarina profissional Emita Alfaya, diz que seu irmão sempre foi muito calmo e gostou de ler. "Ele pensava bastante e sempre foi muito humano. Ao entrar na universidade, sua preocupação com os problemas sociais foi despertada. Ele sempre nos demonstrou isso, nunca escondeu nada".

"CASTRAR UMA PESSOA"

Quando foi eleito pelos estudantes brasileiros para presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), a família recebeu bem a notícia. "Em casa o Javier sempre teve todo o apoio para participar da luta estudantil. Agora, com a tentativa de expulsão, este apoio foi redobrado", conta Emita. Ela discorda da argumentação do governo, que se apegou ao fato de Javier ter nascido no estrangeiro para tentar pô-lo para fora do país. "A maior prova de que meu irmão é brasileiro é sua vontade de fazer a vida aqui. Tudo dele é brasileiro. Então eu só compreendo esta atitude do governo como uma expulsão política para castrar uma pessoa".

Maria Teresa Gomes, 23 anos, arquiteta, namorada de Javier, afirma que o objetivo do regime é breçar o movimento popular e atingir a UNE. Ela é de opinião que a única forma de impedir a expulsão de Javier "é acionar todas as formas de luta que o povo brasileiro vem utilizando contra as

Chega de arbítrio: Que Javier fique!

Existe uma grande confiança dos estudantes e do povo quanto à permanência de Javier no país. É necessário no entanto não alimentar ilusões. O regime já deu muitas provas de sua truculência. O general Figueiredo sabe que a expulsão é a medida mais antipática e antipopular, mas para intimidar o povo está disposto a tudo.

Cabe ao povo e aos estudantes manter articulada a frente democrática em defesa da UNE e de Javier, ocupar todos os espaços políticos e elevar o nível de nossa luta a um novo patamar com manifestações de envergadura. Os encontros nacionais dos diversos cursos, o encontro da SBPC e o Conselho das Entidades de Base em 15 de julho devem permitir a participação de setores ainda mais amplos e discutir formas de protesto mais vigorosas.

Os democratas devem a todo custo defender as liberdades conquistadas a duras penas e que os generais querem arrebatar. Devemos estar preparados para fazer valer a vontade popular. O povo quer que Javier fique e ele deve ficar, mesmo contra a vontade dos generais. Entidades de massas, religiosos, artistas e diversas personalidades formaram uma das mais amplas frentes dos últimos anos. Até mesmo parlamentares do PDS atemorizados pelo desgaste opõem-se à expulsão. Lutaremos para derrotar mais este ato de arbítrio do regime. Exigimos que Javier fique. A UNE somos nós. (Luciano Melo — presidente da União dos Estudantes da Bahia)

medidas arbitrárias e repressivas do governo".

É chegada a fase decisiva do inquérito. E segundo a advogada Ronilda Noblat o resultado do relatório policial não deve desanimar ninguém. Mais do que nunca são necessárias grandes manifestações. (da sucursal)

Assassinos impunes em Alagoas

O Sindicato dos Jornalistas de Alagoas e a seccional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) naquele Estado estão "encostando na parede" o governo estadual, ao exigir a apuração da morte do advogado e jornalista Tobias Granja. Granja era candidato a deputado estadual pelo PMDB e foi assassinado com um tiro à queima roupa no dia 15 de junho. Até o momento foi preso somente o pistolero Napoleão José da Silva, autor do disparo que matou Tobias Granja. Os mandantes do crime — empresários e pessoas ligadas ao governo — continuam impunes.

O ex-governador Divaldo Suruagy,

candidato do PDS ao governo, está pressionando o secretário de Segurança, Coronel Teodomiro, para que nada seja apurado. Uma pessoa, usando o anonimato do telefone, está ameaçando eliminar os jornalistas que estão à frente da campanha pela elucidação total do assassinato.

O Sindicato dos Jornalistas organizou uma grande passeata — com a presença de mais de duas mil pessoas — exigindo a punição dos assassinos de Tobias Granja. A população de Maceió cansada de tanta violência e impunidade aderiu com entusiasmo à manifestação.

(da sucursal)



Malharia Minfix não respeita nem a lei

Os operários e operárias estão indignados com tanta roubalheira na Malharia Minfix, em São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Além de trabalharem das 8:00 às 18:45 hs., são obrigados a fazer meia hora de ceirão durante o período do almoço, sem serem pagos.

Maltratados pela dona da fábrica, como se fossem animais, os operários e operárias reclamam de seus baixos salários. Quando há algum dia entre feriados, ou entre um feriado e um domingo, a fábrica obriga todos a pagarem este dia na época em que há muito trabalho, sem levar em conta o valor das horas.

Geralmente o salário já aumentou, mas os operários recebem as horas com o valor antigo. (Fica claro que assim a exploração aumenta).

Mas isso não é tudo. Outras arbitrariedades são também cometidas. Para pegar o PIS, todos têm direito às horas necessárias para ir ao banco; no entanto a Malharia Minfix ignora totalmente esta lei e desconta as horas não trabalhadas. Muitas vezes os operários viram a noite trabalhando. Mas a fábrica só paga 25% a mais para as horas extras. Na verdade, a partir das 24 hs. temos o direito a receber em dobro as horas extras.

Assim, os trabalhadores da Malharia Minfix e todo o povo brasileiro vão descobrindo que somente eles com sua própria organização, com muita luta conseguirão modificar esta situação. Descubram também que o governo militar do Figueiredo é o principal culpado por estes fatos continuarem acontecendo. O governo faz as leis, mas só exige que o trabalhador as cumpra, como o pagamento dos impostos, taxas, etc. Mas os patrões têm toda a liberdade para fazer o que quiserem. E o governo ainda os protege. (Grupo de operários da Minfix — Rio de Janeiro, RJ)

Moradores voltam a exigir linha de ônibus

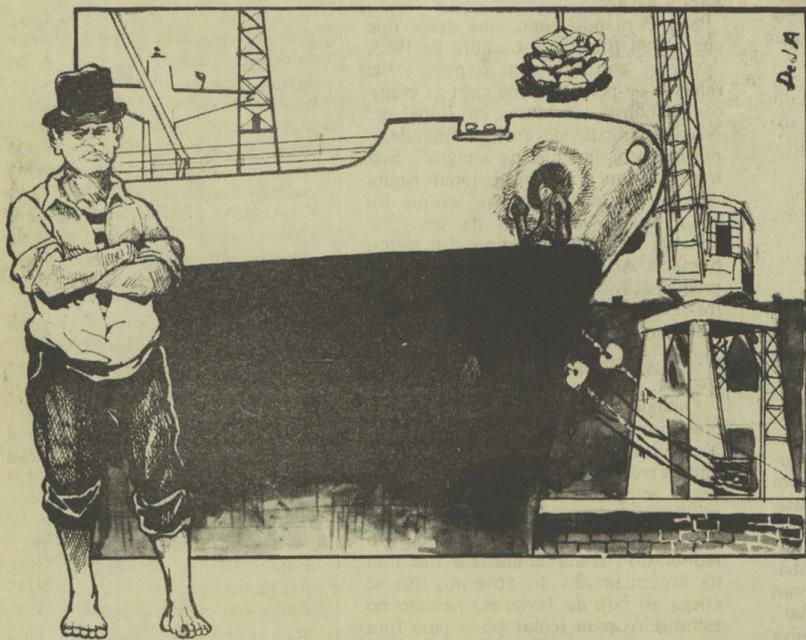
Para os moradores da Cidade A.E. Carvalho, o problema do ônibus continua.

No dia 22 de junho, representantes da Sociedade Amigos do Bairro e da Comissão de Moradores voltaram ao gabi-

nete do diretor adjunto da CMTC, Celso Piraino, para continuar exigindo a volta da linha que foi tirada do bairro.

Para enganar, foram colocados alguns ônibus que fazem o percurso de ida do

bairro à Praça Clóvis, no horário das 6 às 7 horas da manhã e não retornam. Mais que solução, os moradores acharam que isso é gozação e vão continuar exigindo linha o dia todo. (Tribuneiro de A.E. Carvalho — São Paulo)



Marítimo gaúcho vive tão mal quanto o paraense

Já em fim de carreira, aposentado, mas voltado sempre mais para as altas aspirações da classe marítima, atentamente lendo este jornal datado de 19 a 25 de abril, deparei-me com uma matéria que encontrou total receptividade com a atual situação que me encontro; aliás não só eu, como vários companheiros de profissão que são atingidos. É a problemática da classe dos marítimos, corretamente denunciada pelo leitor J.G.O. de Monte Alegre, Baixo Amazonas, Pará.

Desejo manifestar minha solidariedade com o cidadão leitor e com este valente e combativo jornal, e aqui deixar minhas considerações sobre os militares que infelizmente possuem o timão e os remos tortos da arbitrariedade dos destinos da nossa Marinha Mercante, e consequentemente do trabalhador do mar do nosso Brasil.

Ora, vivendo num mar de

duras e implacáveis angústias, sem ter, como todo trabalhador, a devida atenção que tanto deveria merecer por parte do governo, resta-me apenas o desabafo sincero a este brioso jornal, capaz de levar aos olhos de todos os marítimos de Norte a Sul do país as condições em que essa classe realmente se encontra.

Aqui no Sul, os marítimos já têm conhecimento de que a Capitania dos Portos do Pará é totalmente corrupta, só perdendo para a do Estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Rio Grande. Sua delegacia em Porto Alegre tudo faz para não incomodar os proprietários das multinacionais da Navegação Fluvial-Lacustre de Porto Alegre.

Como eles se entendem bem! Todos em perfeita harmonia com o poderoso chefe presidente do Sindicato das Empresas de Navegação Fluvial e Lacustre de Porto Alegre e proprietário da Frota

de Petroleiros do Sul, a PETROSUL, pagando salários insignificantes aos seus empregados e amassando-os impiamente. E as autoridades apoiam o tal poderoso chefe, de nome João Alberto Difini, e fingem não saber das irregularidades que se sucedem, como na Capitania do Pará. Aqui basta o Armador querer que o tripulante não seja matriculado na capitania, eles dão um jeito e acertam tudo de conformidade com o Armador. Lamento o fato do companheiro suicida do Pará, que em total conturbação emotiva não teve a coragem suficiente de denunciar às autoridades o que ocorria com sua pessoa. Sempre existe alguém atento a todos os tipos de perversidade, seja onde for, e disposto a dar combate a este tipo de situação.

(Um marítimo aposentado — Porto Alegre, Rio Grande do Sul).

Donos da Mobili fogem e não pagam operários

Eu trabalhava na empresa Mobili, em Guarulhos. No dia 23 de março deste ano tirei licença para ter filho. Quando voltei, no dia 12 de maio, havia perdido meu emprego. Junto comigo, mais 40 operários ficaram sem emprego. É que na noite anterior, os donos da empresa tiraram as máquinas e sumiram.

Com a firma "falida", os trabalhadores ficaram sem direito nenhum. Até hoje não pudemos tirar nem o Fundo de Garantia. E os guardas impediram a gente de entrar na firma.

O comendador Epifânio Ferreira dos Santos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção e do Mobiliário de Guarulhos nem quis tomar conhecimento do caso. Aliás,

ele é presidente do mesmo há 10 anos e nada faz pelo sindicato. Não paga as contribuições previdenciárias desde que assumiu a presidência, chegando ao ponto de ver o nome da entidade publicado em edital no Diário Oficial do Estado para praça e leilão do imóvel sede do sindicato, em agosto de 1981. Nessa época foi paga parte do débito e sustado o leilão, mas a penhora continua.

Em atraso encontra-se o depósito do FGTS dos empregados e também o salário de quase todos os funcionários. Só que o salário do presidente está sempre em dia. E além disso, ele destituiu um diretor do Sindicato, o que é ilegal, e se recusa a entregar os Estatutos da entidade. (U.F. - Guarulhos, São Paulo)

Desempregados criam entidade em Caxias

No último dia 14 de maio foi realizado um encontro de desempregados de Caxias do Sul para formar uma entidade que desse apoio ao movimento contra o desemprego.

Atualmente existem aproximadamente 6 milhões de desempregados no país. Em Caxias do Sul há mais de 10 mil desempregados. O desemprego é uma das conseqüências da política antipopular do governo e dos patrões, que procuram colocar a crise que eles criaram nos ombros do povo trabalhador.

Essa luta não é só dos desempregados, mas também daqueles que ainda

estão empregados. Os patrões demitem operários e empregam outros ganhando quase a metade daqueles. Assim, rebaixam o salário cada vez mais. Aqui em Caxias do Sul já existe uma comissão provisória para organizar o movimento dos desempregados. Esta comissão está comprometida com a luta por trabalho para todos e contra a rotatividade da mão-de-obra. A comissão está encaminhando seus estatutos para registro. Esta iniciativa conta com o apoio de vários sindicatos de Caxias do Sul. (Associação de Conscientização e Solidariedade ao Desempregado — Caxias do Sul, Rio de Janeiro)



A Eriez é a fábrica da insegurança

A repressão é geral na Eriez. Segurança e Cipa só existem de nome. Na rebarbação pesada não existem bancadas apropriadas para este tipo de trabalho. Os operários arriscam suas vidas apoiando peças pesadas sobre velhos tambores e rebolos.

A poluição é excessiva. Por isso resolvemos denunciar novamente na Tribuna que a empresa não fornece leite e não paga adicional de insalubridade, que é um direito nosso e de qualquer trabalhador que exerça a função numa empresa como essa.

Por outro lado, no almoxarifado nunca tem calçados e uniformes. É necessário esperar a boa vontade do sr. Ivan correr com a lista pela fábrica vendo quem precisa destes materiais até atingir um número X para depois comprar os tais equipamentos. Enquanto isso, onde fica a nossa segurança?

Nos banheiros, quase todos os

chuveiros estão queimados ou desligados. Como poderemos manter as exigências que estão no contrato de trabalho, de manter nossa higiene pessoal?

Nós, funcionários, logo teremos que fazer uma vaquinha para comprar um relógio de ponto, porque só existem dois para cerca de 500 horistas. E só funciona um. Ficamos vários minutos na fila até chegar a vez de cada um. Será que a gerência e a diretoria não acham isso ridículo?

A seção do Gabriel é insuportável, até parece um campo de concentração. Para ir ao banheiro é preciso ficha e permissão do chefe; e não se pode conversar. Se as meninas falam alguma coisa em hora de serviço logo vem o Gabriel e pergunta: "O que vocês estavam conversando?". Parece que voltou o tempo dos escravos. (Operários da Eriez — São Paulo, SP)

Vida ruim, má que nem Caim

I	e a ele entregou e os serviços da prefeitura ele logo começou.	também não dá pro barbeiro. É assim que está vivendo o trabalhador brasileiro.
II	Sabe quanto é a diária que um diarista ganha? É trzentos cruzeiros dessa raça sem-vergonha que enrica as nossas custas e nós ficamos sem grana.	Quando a doença chega não tem com que se apegar, bota a vergonha de lado sai a rua a mendigar, chegando na prefeitura tem medo até de falar.
III	O Dono da Construtora é o enrolado Sirino, estando na miséria e parecendo um girino, foi embora pro Pará depois voltou mentindo.	Isso é a grande miséria que impera no Maranhão, o que o trabalhador faz só dá mesmo pro ladrão, que domina direitinho os meios de produção.
IV	Dizendo que era pedreiro o Prefeito apoiou e registrou uma construtora	(Um diarista de Esperantinópolis, Maranhão)
V	O custo de vida sobe, mas nossa diária não, depois ficam zangado quando alguém chama ladrão. Mas me diga caro leitor se eu tenho razão ou não?	Quando a gente recebe esse minguado dinheiro não dá nem para o almoço.
VI	Isso é exploração ninguém venha demenitr quem trabalha não tem nada e quem não trabalha é subir e gasta dinheiro com tudo, sem nossas diárias subir.	
VII		
VIII		
IX		



fala o POVO

Neste número chegaram muitas cartas de operários. Isso mostra que nosso jornal está chegando nas fábricas, podendo servir de fato a sua classe. Mas a Tribuna chega também na longínqua Esperantinópolis, no Maranhão, em Xavantina, no Mato Grosso. E em todos estes locais contribuiu para que os injustiçados possam falar, denunciar o que sofrem e apresentar propostas de luta. Fala o Povo é mais uma prova disso. Continue a escrever, amigo leitor! Aqui você pode dizer o que pensa. Esta seção é a voz dos oprimidos. (Olivia Rangel)

Trabalhar para a Cerveja Antártica é uma gelada

Aproveitando este jornal, que é uma verdadeira Tribuna em defesa do povo brasileiro, queremos denunciar a Cervejaria Antártica de Manaus, pela sua característica carrasca de explorar e humilhar os trabalhadores, nós que ajudamos com nosso sangue e nosso suor a construir este patrimônio que não é nosso (mas um dia vai ser).

Denunciamos a humilhação que passamos no posto de venda desta empresa, pois, além do trabalho cansativo e escravizante, nós sofremos pressão dos compradores pelo péssimo atendimento, reflexo das péssimas condições de trabalho e também pela enganação desta empresa, que inventa brindes e mais brindes para os compradores e até agora nada saiu nem vai sair.

Foi lendo este jornal que nós tomamos consciência de que vai ser nossa organização e nossa luta por melhores condições de vida e emprego que vai nos libertar desta humilhação e, acima de tudo, deste governo biônico que financia e incentiva a exploração do nosso povo. (Amigos da TO na Cervejaria Antártica — Manaus, Amazonas)

Polícia Civil assassina mais um em Xavantina

Nova Xavantina, 15 de maio. 15 minutos para as 24 horas da noite de sábado. Festas em todos os lugares alegravam a noite, mas no Rancho do "Careca" tudo se modificou, quando um marginal da sociedade adentrou-se no rancho festivo. Ele trazia no rosto a marca da violência, do desrespeito e do autoritarismo. Em sua cintura se encontrava um revólver calibre 38. Seu comportamento era o de um verdadeiro bandido de filmes de bang-bang.

Minutos depois ouviu-se o estrondo de dois tiros consecutivos; era o soldado da polícia civil que estava assassinado injusta e brutalmente o jovem Sebastião Teodoro Nascimento, guarda do corpo de vigilância do Estado de Mato Grosso e filho de uma das mais humildes famílias da cidade. O seu corpo estava perfurado por balas e seu sangue esguichava. Ainda tentou correr uma certa distância, mas caiu inconsciente, ficando envolto em poeira.

As 24 hs. seu corpo foi encontrado nas proximidades de uma construção e conduzido às pressas ao Hospital Nova Brasília, onde ele deu os últimos suspiros. A morte deste jovem pacato e ordeiro foi pranteada por toda a cidade. Seu corpo foi velado por mais de 2 mil pessoas.

No dia seguinte, fui intimado a ir na Delegacia de Polícia para explicar os motivos que me levaram a gravar uma fita, que relatava com toda veracidade a barbaridade e covardia praticada em nossa cidade. Para minha surpresa, a primeira pessoa que pude ver ao chegar na delegacia foi o bandido sanguinário, que estava impune e armado até os dentes. Ao sair da sala do delegado, o bandido me cercou e me ameaçou de morte. Mas mesmo as ameaças de morte não me farão desistir dessa luta, porque se a nossa voz se calar diante das pressões desses militares corruptos e irresponsáveis, quem defenderá a liberdade, o respeito e o direito de viver com dignidade e paz social? Atrás dessa morte existe um regime militar de traição, abandono e desprezo nacional, que dá cobertura aos bandidos presos aos democratas que ousam defender a liberdade. (E.C. - Nova Xavantina, Mato Grosso)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

O imperialismo divide o mundo

O desenvolvimento dos monopólios multiplica rapidamente o capital nas mãos da burguesia. A tal ponto que uma boa parte deste capital não encontra aplicação vantajosa no país. Os capitalistas são obrigados a investir este excesso de capital em outros países. Antes exportavam mercadorias. Passam a exportar capitais.

OS SUPERLUCROS

Os monopólios aproveitam-se das condições das nações mais atrasadas para obterem lucros fabulosos. Enquanto nos países imperialistas existe capital em excesso, nos menos desenvolvidos existe carência. Além disto, as terras e as matérias primas são baratas, a mão-de-obra é abundante e os salários são baixos. É vantajoso tanto investir diretamente em indústrias para abastecer o mercado local como fazer empréstimos para as burguesias nativas, cobrando juros elevados.

Entre 1971 e 1975, os Estados Unidos investiram cerca de 6 bilhões de dólares nos países atrasados e obtiveram lucros de 30 bilhões. E as grandes potências capitalistas emprestaram tanto dinheiro a estes países que em 1981 eles já tinham uma dívida de 500 bilhões de dólares. Só o Brasil deve atualmente mais de 70 bilhões de dólares — o maior gasto do governo brasileiro é com o pagamento desta dívida.

Na procura de novas áreas para aplicar seus capitais, os monopólios e as potências capitalistas entram em concorrência entre si. Para garantir seus investimentos e impedir a penetração dos concorrentes, os grandes grupos monopolistas tratam de dominar inteiramente os países onde se estabelecem — e de colocar em todos eles governos que lhes são submissos.

DIVISÃO DO MUNDO

Os monopólios fazem acordos e dividem o mundo em áreas de influência. Mas como o capitalismo se desenvolve de forma desigual, quando a correlação de forças entre eles se altera há uma luta acirrada por uma nova redivisão. Nesta disputa os monopólios fazem pressão através dos governos de seus países — dominados por eles — e não relutam em empregar seus exércitos quando julgam necessário.

A invasão do Líbano por Israel — a serviço dos Estados Unidos — a guerra do Iraque contra o Irã — também insuflada pelos americanos — e a invasão do Afeganistão pela União Soviética são conflitos provocados pela disputa do Oriente Médio e de suas jazidas de petróleo, entre as duas superpotências imperialistas, os Estados Unidos e a União Soviética.

A exportação de capitais — e a disputa de áreas de influência no mundo — não se restringe aos países atrasados. Aproveitando-se de uma certa vantagem tecnológica ou da oportunidade de investimento em determinado setor mais débil de um país rival, os monopólios tratam de abocanhar uma parcela da economia mesmo em outros países imperialistas. Atualmente o Japão conseguiu aprimorar a fabricação de automóveis mais econômicos e com isto penetrou em boa parte do mercado automobilístico norte-americano. E os banqueiros ocidentais conseguiram emprestar elevadas somas à União Soviética, Polônia e outros países da órbita soviética.

FONTE DE GUERRAS

O capitalismo monopolista é uma fonte permanente de guerras e conflitos. E como é um sistema de domínio mundial altamente concentrado nas mãos de grandes magnatas dos países imperialistas, é um fator permanente de aguçamento da exploração dos trabalhadores em todo o mundo. A seguir, o imperialismo: véspera da revolução socialista.

Uma coletânea do veterano dirigente comunista João Amazonas sobre problemas do movimento revolucionário brasileiro. Entre eles destaca-se Conquistar a Liberdade Política, alcançar a Democracia Popular, uma exposição da tática atual dos comunistas brasileiros.

João Amazonas
Pela Liberdade e pela Democracia Popular



EDITORA ANITA GARIBALDI



Repressão ao trabalhador e triunfalismo em 1932

Estamos comemorando os 50 anos do movimento que se convencionou chamar de Revolução Constitucionalista de 32. Foi um movimento no qual, dentro de um período de crise no estilo de governar das oligarquias, e reproduzindo-se esta crise no comportamento dos seus diversos segmentos regionais, a oligarquia paulista procurou sair do impasse em que se encontrava fazendo uma pregação ideológica pela reconstitucionalização do país, mas, realmente, procurando, através de uma mensagem separatista e chovinista, reter, em São Paulo, o fluxo de mais valia que era produzida e cuja redistribuição o governo federal, que assumiu em 1930, desejou remanipular através de uma série de mecanismos reguladores para manter o equilíbrio oligárquico nacional, desfazendo o monopólio de poder do eixo político São Paulo-Minas Gerais.

A partir da análise desse impasse e também da ascensão do fascismo no mundo, é que podemos estabelecer um critério menos emocional e mais objetivo para a análise do movimento de 32.

Os liberais paulistas levantaram, com veemência, o símbolo da Locomotiva, isto é, a máquina que puxava os 20 vagões vazios que eram os Estados do Brasil naquele tempo. Para as elites oligárquicas isto queria dizer que a mais valia produzida em São Paulo não ficava por inteiro com os capitalistas deste Estado, sendo redistribuída, via governo federal, para as demais oligarquias regionais. E isto era inaceitável.

EFERVESCÊNCIA OPERÁRIA

A efervescência do movimento operário de São Paulo serve como elemento esclarecedor da necessidade de um mecanismo de controle capaz de abafá-lo. Em fevereiro daquele ano eclodem greves dos ferroviários e dos tecelões da fábrica Ítalo-brasileira. Os ferroviários, em maio de 32, anunciam greve, o mesmo acontecendo nas fábricas de calçados e vidros; há, também, grande mobilização no setor têxtil. Os ferroviários da Santos-Jundiá manifestaram-se solidários aos companheiros de São Paulo, fato que veio aumentar as preocupações sociais e políticas da

oligarquia paulista. Há outras mobilizações e, segundo Edgar Decca, a quem estamos seguindo, registra-se "ineficiência da polícia no tratamento repressivo; essas e outras notícias foram inculcadas no ânimo de uma população tomada de surpresa na sua placidez cotidiana".

O Sindicato Patronal das Indústrias Têxteis divulgava comunicado no qual afirmava que a maioria dos operários têxteis abandonavam as fábricas em consequência da ação de elementos subversivos. É nesta conjuntura que as classes dominantes paulistas levantam a bandeira constitucionalista, sendo que a reconstitucionalização já havia sido prometida por Vargas. A pequena burguesia e setores da intelectualidade lançam-se marcialmente — a luta pelos ideais de São Paulo.

MOBILIZAÇÃO CONSENSUAL

Havia a necessidade de uma mobilização consensual, a nível de ser paulista, diluindo as diferenças de classes. Mobilizaram-se mulheres, estudantes, negros, finalmente todos os segmentos, camadas ou grupos que tinham reivindicações específicas, para a luta. A avalanche de discursos e comícios envolve algumas áreas desses segmentos. Mas os operários de um modo geral, especialmente os influenciados pelos comunistas não aderem, apesar da pressão esmagadora dos grupos patrióticos.

No particular, um dos participantes frenéticos de 32, Rubens Borba de Moraes, declarou que "os próprios negros que, naquela época começavam a ter consciência de sua negritude, formam dois batalhões. Combateram com bravura e muitos deles morreram nas trincheiras". O que ele não esclarece (e o fato de se formarem batalhões exclusivamente de negros demonstra a ideologia racista dos chefes do movimento) é que essa Legião Negra foi formada por Joaquim Guaraná e nem teve o apoio da Frente Negra Brasileira, a organização mais significativa do negro em São Paulo. E, de fato, morreram heroicamente nas frentes onde os filhos-família da aristocracia do café não tinham coragem de ir.



"Ideias de São Paulo" orientaram a "revolução de 32"

Também foram mobilizadas as mulheres paulistas para salvarem o território ameaçado. Mas Isabel Ferreira Bertolucci desmascarava a farsa e escrevia no jornal anarquista "A Plebe" que, em nome da mulher paulista falaram apenas "as damas do escol social (...). A mulher operária, as mães dos soldados não puderam falar em nome da mulher paulista".

Sem um programa de conteúdo popular, defendendo apenas os interesses da oligarquia cafeeira, o movimento de 32 terminaria melancolicamente. Seus antigos membros iriam se reconciliar com Getúlio Vargas. Um dos lutadores de 32 seria, por isto mesmo, interventor federal de São Paulo na ditadura do Estado Novo: Ademar de Barros... Melhor síntese para se compreender o que foi esse movimento não existe. (Clóvis Moura)

Cantor responde com poema à música do MPB-Shell 82

No programa MPB-Shell da próxima sexta-feira, será apresentada a música **Barco Sul**, de Théo de Barros com poema de Gilberto Karan. O poema, da década de 70, questiona nossa pátria por ter um distanciamento dos problemas comuns a todos os países da América Latina.

Em resposta a **Barco Sul**, o cantor Dércio Marques (que no ano passado defendeu a música **Pinhão de Amarração**, de Elover, no **PMB-Shell**) enviou para a **Tribuna Operária** o poema **Voz Brasileira**, de sua autoria com Gildes Bezerra e Marcelus Bezerra.

Dércio explica que a ceia, referida em ambos os poemas, "simboliza a união entre nações irmãs de um mesmo continente, com as mesmas esperanças, que se irmanam numa mensagem comum". Para ele, **Voz Brasileira** "é a renovação de esperanças de uma fraternidade além fronteiras".

Barco Sul

É o único que fala nesse linguajar estranho que um dia foi tamanho de uma aproximação hoje não é mais que ilha isolada nesse entulho. Nesse ocidental orgulho que te fere e prende a mão. Faz com que pouco tu olhes a miséria com que acolhes o teu povo e o teu chão. E olhando sobre os ombros, reparando nos escombros dos quintais dos teus irmãos. Tens a terra, tens as matas, tens os rios imensidão. Mas te falta o mais bonito, um latino coração. Por que arcaas em teu nome triste inútil realza nessa ceia só de fome, és o mais altivo à mesa. Se esse céu que é de todos, por que é que ele faria o teu céu bem mais azul. Ora, só tu não percebes, que estamos todos juntos. Neste mesmo barco sul. **Gilberto Karan e Théo de Barros**

Voz Brasileira

EU TENHO A VOZ LUSITANA tenho uma dor africana e uma pureza tupi e o rumo das minhas veias corre por terra alheia Em rios que repartir. O mesmo céu que me cobre, No mesmo azul se descobre cobrindo teu chão, minha irmã. O sol que brilha meu peito, Brilha com o mesmo jeito, Da mais latina manhã. E na manhã escarlate Meu Barco Sul, então parte no rumo de te encontrar. As matas que me dão vida são estas matas feridas por forças de muitas mãos. Filhos do Chaco e Dos Andes, Por meu amor que se expande, Buscam em meus filhos, irmãos. Meus pés que dançam catira são tão descalços, sem lira,

como teus pés chacareros. A mesma dor que inspira A minha viola caipira Dói no teu peito habanero. E na manhã dolorida meu Barco Sul segue a vida No rumo de te encontrar. E com meus seios mucamos Dou vida aos filhos que amo Paridos dos ventres llaneros. Se a nossa ceia é de fome Porque não se amam os homens Hermanos e companheiros. Os nossos meios são parcos na busca prá que este barco possa um dia chegar Mas nosso povo é capaz de navegar muito mais do que se possa pensar. E sob um céu quase rubro, No Barco Sul me descubro No Rumo de te encontrar. **Gildes Bezerra, Dércio Marques e Marcelus Bezerra.**

Copa: algum futebol, muita publicidade

Alguns bons espetáculos de futebol, brilhante funcionamento dos esquemas de promoção comercial, aliados à maior série de injunções extra-esportivas nos resultados dos jogos até hoje conhecida, fazem o perfil da Copa da Espanha. Nenhum esforço de aperfeiçoamento esportivo, ou de intercâmbio de experiências, nenhuma perspectiva de realização para os jogadores, afora o título e os prêmios, na competição que somente é suplantada em grandiosidade e importância pelas Olimpíadas.

"Com certeza, é a minha primeira e última Copa do Mundo...". O desabafo do nosso capitão Sócrates resume a frustração dos que sonharam enriquecer suas carreiras ou seus conhecimentos sobre o esporte que põe em jogo o título mundial na Espanha.

O isolamento que é imposto aos atletas durante o torneio, o controle absoluto de suas movimentações por parte das comissões técnicas fazem da Copa a alegria das torcidas e ao mesmo tempo

um martírio para quem busca algo mais do que títulos e consagração. Enquanto os atletas que participam das Olimpíadas retornam com a bagagem repleta de filmes das principais competições, relatórios de palestras e seminários esportivos, endereços de atletas de outros países para troca de correspondência, os astros do futebol trazem a alegria da vitória ou o amargor da derrota, uma como outra acompanhada do esgotamento de meses de rígida "concentração" e severa vigilância.

DESCARACTERIZAÇÃO DA COMPETIÇÃO

Não bastasse a mentalidade conservadora no relacionamento da direção técnica com os jogadores, o clima criado pela propaganda comercial e os interesses políticos despertados pela disputa ajudam a descaracterizar a Copa como uma competição esportiva. Também aqui Sócrates manifesta seu descontentamento: "Somos convocados como se fosse um exército, como se fossemos defender a pátria. Não é nada disso. É uma competição esportiva". E é exatamente com essa motiva-

ção que os cartolas se sentem reforçados para pechinchar os prêmios dos jogadores, sabendo que as suas exigências serão tachadas de mercenarismo. Como consequência, a gratificação pela conquista do título negociada pelos jogadores com a CBF é quatro vezes inferior à que foi dada aos jogadores da seleção do Kuwait, eliminada na primeira fase.

A manipulação dos resultados dos jogos, através de arbitragens desonestas e de manobras na elaboração da tabela, só fazem confirmar esse triste quadro. A Espanha, favorecida desde o sorteio num grupo fraco, classificou-se graças a dois milagrosos penaltis marcados nos últimos minutos das partidas disputadas contra a Iugoslávia e Honduras. Já a Alemanha e a Áustria fizeram um vergonhoso jogo de compadres, num procedimento que irritou e indignou o mundo inteiro, acertando o resultado que favorecia a ambos e prejudicando a Argélia, que somente seria eliminada exatamente com o placar final daquele jogo — 1 a 0 para a Alemanha.

MANIPULAÇÃO E DESORGANIZAÇÃO

Tudo isso sem falar na desorganização do torneio, que atinge níveis insuperáveis. Para ficar num só exemplo, basta dizer que as escalafões de Argentina e Itália foram divulgadas à imprensa quando terminava o primeiro tempo da partida que ambas disputavam.

Resta, porém, a certeza de que as boas exibições de futebol, principalmente as do nosso selecionado, como reconhecem a imprensa e os especialistas internacionais, asseguram uma parcela de beleza na competição e impedem que esse esporte fique apenas nas "mãos" dos carecas e barrigudos de "calças compridas".



Sócrates: "A Copa foi uma terrível frustração".

(Jessé Madureira)

Dicas para saquear o Brasil

Este texto não foi escrito para trabalhadores, nem para brasileiros. Foi extraído do boletim *Lettre Internationale*, publicado pela jornalista francesa Danielle Hunebelle, e exclusivamente dedicado a expoentes do capitalismo internacional. Basta ver o preço: 3 mil dólares pela assinatura anual, 4 mil cruzeiros por exemplar de quatro páginas.

Porém é altamente instrutivo que o maior número de operários e patriotas tome conhecimento deste descarado convite à espoliação imperialista, cujo título poderia perfeitamente ser "O Brasil está à venda". Numa linguagem de propaganda comercial, *madame Hunebelle* fornece todas as "dicas" para o saque. E mostra a cumplicidade do governo Figueiredo: "O senhor (investidor) pode contar com por cento com a sua cooperação".

Diz a jornalista: "Depois de uma viagem de mais de 10 mil quilômetros, que nos levou da floresta amazônica aos pampas do sul, sem esquecer as metrópoles, eu mantenho a confiança nesse grande país. Para garantir sua solvência o Brasil vai criar, graças a seu enorme potencial agrícola e mineiro, uma espécie de meio-oeste, à americana. Imagine os Estados Unidos no começo do século: o senhor teria deixado passar a oportunidade?"

"Visite Carajás na floresta amazônica. O alarde que se faz a respeito é desencorajador, mas, creia-me, a região é realmente um Eldorado que vomita minério de ferro, cobre, bauxita, níquel, manganês, ouro, florestas, etc. Como se trata da melhor garantia de que dispõe o governo brasileiro, o senhor pode contar com por cento com a sua cooperação".

tização em curso... o tempo necessário para que Delfim Netto possa prosseguir a recessão sem provocar grandes agitações!"

Tranquilizem-se, saqueadores: as facilidades atuais serão mantidas

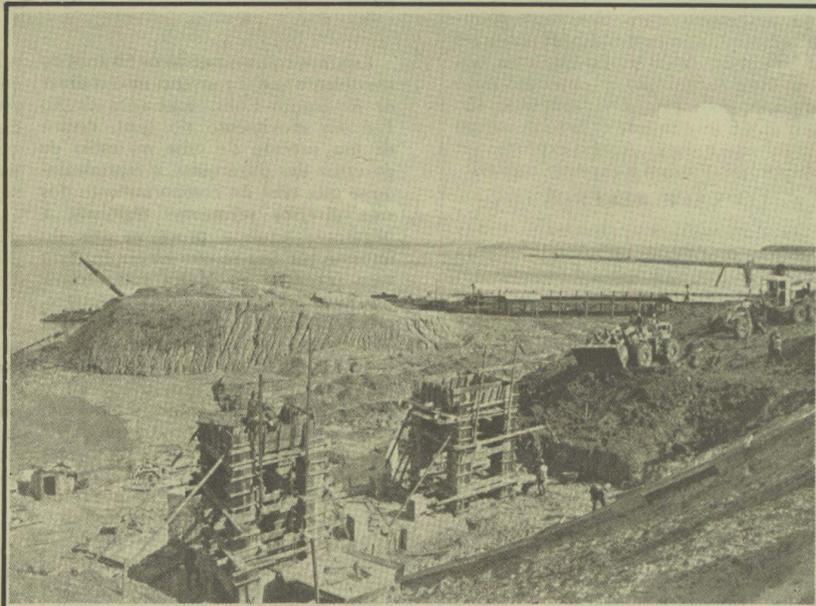
A jornalista conversou com a alta cúpula do Estado e das multinacionais: Delfim Netto, ministro do Planejamento, Camilo Pena, da Indústria e do Comércio, Amaury Stabile, da Agricultura, Carlos Langoni, do Banco Central, Castro Neiva, do Banco do Brasil, Tyrone Thayer, presidente da Cargill, Peter Sechiari, diretor da Rio Tinto Zinc do Brasil, Joel Korn, vice-presidente do Bank of America — tudo gente fina.

Portanto foi bem informada que ela tranquilizou os investidores: "Não se inquiete! Apesar dos rumores de regulamentação, o regime atual de investimentos (favorável aos estrangeiros), será mantido. Só em Carajás vai haver necessidade de mais de 60 bilhões de dólares, e mais ainda na agricultura e na energia".

"Não hesite, imite a Shell, a Rio Tinto, a Anglo-American"

"Aproveite os estímulos. O imposto sobre as empresas pode ser investido no Norte. Os exportadores, como a Philips, a Ford, a General Electric, beneficiam-se de incentivos para importar equipamentos e de incentivos fiscais internos".

"Eu aconselho vivamente que o senhor tenha um sócio brasileiro, sobretudo na agricultura (por razões políticas) e também para lhe dar acesso ao crédito subvencionado (com baixas taxas de juros)".



O porto de Ponta da Madeira, por onde vai escoar a produção de Carajás, um Eldorado que vomita minério de ferro, cobre, bauxita, níquel, manganês, ouro, florestas, etc. — e onde os saqueadores estrangeiros podem "contar com por cento" com a ajuda do governo.



"Instale-se na agroindústria", convida madame Hunebelle: "utilize o Brasil como trampolim para o Terceiro Mundo".

"Instale-se. Não hesite. Veja longe. Imita a Shell, que procura zinco, níquel, cobre, estanho, tungstênio; a Rio Tinto Zinc; a Anglo-Americana. Eu soube que a Wern Minning acaba de se implantar".

"Seu ponto de partida está em Carajás. O feudo mineral do país (a Vale do Rio Doce) explorará o minério de ferro, mas todos os outros minerais estão à sua disposição".

"Além de Carajás, não negligencie o resto do país. A região de Rondônia por exemplo (oeste selvagem do Brasil) está em franco desenvolvimento. Encontram-se aí a Brascam (canadense), assim como a Anglo-Americana. A De Beers procura diamantes na Bahia. A Shell (que possui participação na mina de Trombetas, na Amazônia) acaba de associar-se à Alcoa para a construção de uma refinaria e de uma fundição em São Luiz (e talvez de outro projeto de bauxita perto de Trombetas). Os japoneses desenvolvem um vasto programa com a

Vale do Rio Doce. A Rio Tinto Zinc possui 2,3 de uma enorme jazida de bauxita em Paragominas.

"Lance-se na agro-indústria. Cultive soja, óleo de babaçu (a Guinness Peat começa um projeto), chá, cacau, frutas e legumes tropicais; crie frangos, porcos... Construa silos. Não se esque-

ça que o valor das terras sobe vertiginosamente!

"Utilize o Brasil como um trampolim para a exportação para o terceiro mundo, onde esse país é bem visto. A Volkswagen cria o modelo Voyage para exportação. A Philips investe 50 milhões de dólares na TV e no rádio, para produzi-los em Manaus".



Madame Hunebelle acha que nos próximos dez anos "não haverá verdadeiros riscos políticos no Brasil", mas por via das dúvidas aconselha: "Tenha um sócio brasileiro"

Garantias para Delfim prosseguir a recessão sem grandes agitações

Em algumas passagens, a publicação reconhece uma série de riscos e problemas: "O crescimento vai diminuir provisoriamente, e as esperanças de redistribuição voarão. Com uma inflação de mais de 100%, a crise social latente um dia vai estourar. Num país onde os pobres vendem, por pequenos anúncios, seus olhos e seus rins para sobreviver, o aumento do desemprego assume uma dimensão macabra..."

Mas logo Danielle procura tranquilizar os investidores: "Durante uma dezena de anos ainda, não haverá (a meu ver) verdadeiros riscos políticos no Brasil. Perplexo e dividido (diante de uma inflação pior do que quando foi dado o golpe de 1964), o poder militar pendente novamente a direita. Mas ele tolerará a política de democra-

Matança de civis desmascara os sionistas

Ao encerrar-se esta edição, a situação militar da resistência palestino-libanesa parece desesperadora. Após um mês de matança de civis e cerco de Beirute pelos agressores israelenses, fala-se de um novo êxodo dos palestinos, para Trípoli, no norte do Líbano, ou outro país árabe mais distante da sua pátria. Politicamente, porém, Israel perdeu.

A derrota política que amarga os festejos do primeiro-ministro Menahem Begin e sua quadrilha tem raízes profundas. O sionismo é desde o berço um movimento reacionário, mas soube explorar com rara habilidade a



Palestinos defendem-se da agressão sionista em Khalde.

tragédia do povo judeu sob o nazismo para forjar uma falsa imagem. Sendo carrasco, posava de vítima. Até a Guerra dos Seis Dias, em 1967, principalmente, esta jogada produziu considerável resultado.

Esta fachada, porém, foi definitivamente soterrada sob as ruínas dos lares e hospitais destruídos no Líbano durante as últimas semanas. Nenhum observador honesto pode colocar em dúvida, hoje, quem são os terroristas, quem são os agressores e quem são as vítimas no Oriente Médio.

SELVAGERIA NAZISTA
A matança cega e indiscriminada vitimou, segundo observadores imparciais, entre 10 e 15 mil civis libaneses. O equipamento militar israelense — fornecido pelos Estados Unidos — é o mais sofisticado na técnica de matar: bombas de bilhas, bombas de fragmentação, gases venenosos proibidos pelas leis internacionais. A selvageria nazista, exerci-

da pelos sionistas e patrocinada pelos imperialistas ianques continuará, mesmo com a substituição de Haig por George Shultz como Secretário de Estado de Reagan. O próprio Begin acalmou o ânimo dos sionistas sobre o assunto: "Acreditamos que o novo secretário de Estado será um amigo de Israel. Pois a função faz o homem".

O próprio povo judeu vai tomando consciência das atrocidades que estão sendo realizadas contra palestinos e libaneses pelos sionistas. Num comovido entrevista, o piloto israelense Aharon Ahiaz, único prisioneiro de guerra dos palestinos, ao ver o que seus colegas das forças armadas de Israel estão fazendo no Líbano, exclamou: "É inacreditável! Rezo para que as forças israelenses não entrem em Beirute Ocidental. Chorei por dentro quando vi pela tevê o que está acontecendo com a população civil. Vi o que aconteceu com um menino, um garoto de seis anos".

No Brasil e em vários países do mundo a solidariedade para com a causa palestina tem sido demonstrada com manifestações de rua, protestos contra a agressão israelense e envio de mantimentos e medicamentos para as vítimas da barbárie. Os soldados de Begin já mataram mais de 15 mil civis, desde 6 de junho. E no dia 30, Begin voltou a ameaçar os palestinos: "ou eles se retiram de Beirute Ocidental ou nós os retiraremos".

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

Mas se os povos solidarizam-se com os palestinos, os reacionários rancorosos buscam justificar a política nazista de Begin. Aqui no Brasil o deputado do PDS, Cunha Bueno, que foi secretário de Cultura do governo de Maruf, chegou a dizer que "o povo libanês será o maior beneficiário da invasão israelense", e atacou os que defendem o Líbano contra o genocídio praticado por Israel.

EUA e URSS são inimigos da causa dos palestinos

Um dos aspectos mais revoltantes do atual conflito no Líbano é o comportamento mentiroso e traiçoeiro dos Estados Unidos e da União Soviética. As duas superpotências tentam se aproveitar da guerra para estender sua dominação no Oriente Médio.

Fica evidente a total contradição entre as palavras e os atos dos dirigentes dos dois países. O presidente Reagan condenou formalmente a invasão do Líbano. Mas os EUA por duas vezes usaram seu poder de veto no Conselho de Segurança da ONU que exigia a retirada das tropas sionistas e se dispunha a impor sanções contra Israel. Nem lhes passou pela cabeça impor agora

contra Israel as mesmas sanções que aplicaram contra a Argentina por ter retomado as Ilhas Malvinas.

Quando o nazista Begin foi a Washington prestar conta dos seus atos ao chefe do imperialismo americano, ele saudou a "ampla coincidência de critérios a respeito da permanência das tropas de seu país no Líbano".

URSS NÃO AJUDA A RESISTÊNCIA

Já os soviéticos fizeram pronunciamentos muito violentos e radicais contra a invasão israelense, mas não tomaram nenhuma medida concreta de auxílio à resistência dos palestinos e do povo libanês. O próprio general Alexander Haig, incondicional aliado de Israel, qualificou a atitude soviética de "alentadamente prudente". A URSS ainda encaminhou para a ONU uma proposta de "imediate cessar-fogo entre as partes beligerantes", colocando em pé de igualdade os bárbaros agressores de Israel com os povos palestinos e libaneses, vítimas da ação militar.

Por outro lado, também chama a atenção a atitude arrogante comum às duas superpotências imperialistas, que se arvoram em donas do mundo. Por várias vezes os presidentes Ronald Reagan e Leonid Brejnev se comunicaram entre si para "resolver as crises" que ocorriam no Líbano, como se tratassem de territórios seus. O imperialismo yanque mandou para o Oriente Médio sua VI frota de guerra. E o emissário Philip Habb foi encarregado por Washington de "por a casa em ordem". Enquanto isso os soviéticos se dispuseram a garantir, junto com os EUA e a Arábia Saudita, o salvo-conduto para a OLP se retirar do Líbano.

Os atos deixam claro: seja armando e financiando a agressão israelense, seja sabotando e desmobilizando a resistência contra a invasão, nenhuma das superpotências é amiga da causa palestina e dos povos árabes.



Begin, mercenário a serviço de Reagan

Aonde estão os palestinos

Segundo o Birô de Estatísticas da OLP, os 4,5 milhões de palestinos estão distribuídos da seguinte maneira:

PAÍS	PALESTINOS
Israel	550.100
Cisjordânia	833.000
Gaza	451.000
Jordânia	1.148.334
Síria	222.525
Líbano	358.207
Kuwait	299.710
Iraque	20.604
Libia	23.759
Egito	45.605
Arábia Saudita	136.779
Emirados	
Arábia Unidos	36.504
Qatar	24.233
Bahrein	2.000
Omã	50.706
Estados Unidos	104.856
Outros países	140.116
TOTAL	4.449.138

CDM
Centro de Documentação e Informação
Fundação Maurício Grubis